

## *Composição de palavras em língua portuguesa e alemã: dicionarização e ensino*

Luciane Leipnitz\*

**Resumo:** Este trabalho revisa o tema da composição de palavras em Língua Portuguesa, apreciando algumas gramáticas tradicionais e estudos lingüísticos atuais. Faz uma análise estrutural da composição, buscando reconhecer fronteiras entre compostos, sintagmas fixos e palavras prefixadas. Além disso, as formas de dicionarização de palavras compostas são examinadas, percebendo-se divergências entre apresentação lexicográfica e regras colocadas em gramáticas da Língua Portuguesa. A seguir, é tratado o processo de composição da Língua Alemã e como esse processo é tratado em dicionários para falantes nativos e para aprendizes de língua estrangeira. Por último, é feita uma observação contrastiva português-alemão para depreender imagens de léxico e

gramática reproduzidas em dicionários.

**Palavras-chave:** composição de palavras, língua portuguesa, língua alemã

**Abstract:** This paper makes a review of words formation in Portuguese by appreciating some traditional grammars and linguistics studies. It analyses the formation structure, trying to recognize the limits among compound terms, fixed syntagmas and prefixed words. Besides, this paper examines how compound words are presented in dictionaries taking into consideration differences between lexicographical presentation and the rules presented in Portuguese grammars. Next, this study focuses on the words formation process in German and how this process is presented in dictionaries for native speakers and

\* Mestre em Teorias do Texto e do Discurso, Área de Pesquisa Terminologia e Lexicografia: Relações textuais. Professora do Setor de Alemão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: luleipnitz@hotmail.com.

for foreign language learners. Last, a Portuguese-German contrastive analysis is carried out in order to gather lexicon and grammar representations presented in dictionaries.

**Key-words:** words formation, Portuguese language, German language

## 1 Introdução

Este trabalho faz uma revisão sobre o tema da composição de palavras em Língua Portuguesa. São utilizadas algumas gramáticas tradicionais, tomando-se como contraponto alguns estudos atuais. Além disso, dois dicionários da Língua Portuguesa (HOUAISS, 2001; FERREIRA, 1986) servem como ponto de observação para o tratamento da composição de substantivos.

Do mesmo modo, em Língua Alemã, observam-se nas gramáticas e critérios de dicionarização para compostos. Inicialmente, utilizam-se dois dicionários monolíngües de alemão para falantes nativos – *Deutsches Universal-Wörterbuch* e *Wahrig Deutsches Wörterbuch*, doravante DUW (2001) e WH (1986), respectivamente. Em um segundo momento, com o objetivo de verificar se existe alguma distinção no tratamento dos compostos

---

<sup>1</sup> A opção por incluir nesta análise um dicionário para aprendizes de Língua Alemã, visto que os dicionários utilizados para a Língua Portuguesa não possuem esse direcionamento, deve-se a observação da autora, no trabalho de revisão de textos traduzidos da Língua

alemães em obras destinadas ao aprendiz<sup>1</sup> de língua não-nativo, examina-se um dicionário monolíngüe de Língua Alemã para estrangeiros – *Langenscheidts Grosswörterbuch “Deutsch als Fremdsprache”*, doravante LsDaF (1993).

O objetivo deste trabalho é contrastar tratamentos gramaticais e lexicográficos em ambas as línguas e, a partir disso, discutir implicações para o ensino dessas línguas.

## 2 O processo de composição em língua portuguesa

Uma língua não se conserva invariável: há palavras que caem de uso, outras que mudam de significado e outras ainda que são criadas. O vocabulário de uma comunidade está sujeito a um constante processo evolutivo, porque a língua evolui com o homem. (PASCHOALIN e SPADOTO, 1996, p.150)

A caracterização dos principais tipos de processos de formação de palavras se estabelece numa tipologia de operações que contempla essencialmente três grandes grupos: o das operações aditivas, o das operações subtrativas ou redutivas e o das operações modificativas (RIO-TORTO, 1998, p.16). Em

---

Alemã, da pouca ênfase dada ao modo de formação de tais compostos nesta língua e aos problemas disto decorrentes, visto que a composição é um processo freqüente nessa língua. O conhecimento específico do modo de formação desses compostos em Língua Alemã evitaria problemas no processo de tradução.

português, os mais produtivos são aqueles que se estabelecem em operações de adição ou concatenação e, nestes, a afixação e a composição.

A composição consiste na concatenação de pelo menos duas bases, cada uma das quais podendo ser mais ou menos autônoma, sendo que cada uma delas supostamente tem capacidade referencial, de modo que o composto é uma unidade lexical constituída por duas unidades lexicais dotadas de poder referencial (RIO-TORTO, 1998, p.17).

Alguns problemas envolvem o estudo da composição. Um deles refere-se ao fato de saber até que ponto tal processo se reduz a uma operação de adição, pois o produto final está longe de ser ou sequer de refletir a mera soma das partes constituintes. Outro ponto a ser considerado é a dificuldade de definir se os compostos são objetos morfológicos ou sintáticos, que representam formas compactadas de proposições, ou seja, produtos que correspondem a uma antiga unidade sintática, entretanto cristalizada. Além disso, a delimitação das fronteiras entre compostos, sintagmas fixos e palavras prefixadas, e, a partir daí, também a distinção entre o constituinte afixal e o composicional (RIO-TORTO, 1998, p. 18).

Segundo Bechara (1973, p.174-176), a composição pode constituir-se de substantivo + substantivo (*peixe-espada, estrada de ferro*), substantivo + adjetivo (ou vice-versa)

(*aguardente, obra-prima*), adjetivo + adjetivo (*surdo-mudo, auriverde*), numeral + substantivo (*segunda-feira, trigêmeo*), advérbio + substantivo, adjetivo ou verbo (*bem-querer, malcriação, sempre-viva*), verbo + substantivo (*lança-perfume, busca-pé*), verbo + verbo ou verbo + conjunção + verbo (*vaivém, leva-e-traz, corre-corre*), verbo + advérbio (*pisa-mansinho*). A associação dos componentes das palavras pode se dar por justaposição (*guarda-roupa, vaivém*) ou aglutinação (*planalto* = plano + alto; *fidalgo* = filho + de + algo).

Em Bechara (1973, p.64-65), encontramos: “só se ligam por hífen os elementos das palavras compostas em que se mantém a noção da composição, isto é, os elementos das palavras compostas que mantêm a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido”.<sup>2</sup> De acordo com esse princípio, emprega-se o hífen nas palavras compostas em que os elementos, com a sua acentuação própria, não conservam, considerados isoladamente, a sua significação, mas o conjunto constitui uma unidade semântica, por exemplo, *água-marinha, arco-íris, couve-flor, guarda-pó, pára-choque*. Quando se perde a

<sup>2</sup> Saliente-se aqui que se tratam de unidades de significação, de acordo com os estudos lexicográficos, observando que o trecho foi transposto conforme texto original.

noção do composto, quase sempre em razão de um dos elementos não ter vida própria na língua, não se escreve com hífen, mas aglutinadamente, por exemplo, *abrolhos*, *bancarrota*, *fidalgo*, *vinagre*.

Portanto, o hífen serviria para distinguir palavras compostas de grupos sintáticos paralelos, por exemplo: *ferro velho* = ferro usado, sucata; e *ferro-velho* = “estabelecimento que negocia com sucata”. O grupo sintático é toda a seqüência fixa ou eventual que, em certo sentido, é homônima da palavra composta, pois o valor sintático desta seqüência se cristalizou num novo valor morfológico, uma seqüência de palavras passou a constituir uma seqüência fixa ou um composto, cujas funções são rotular, permanentemente, um recorte do nosso universo biofísico-social (SANDMANN, 1990, p.3-4).

Segundo Sandmann (1990, p.6-7), a palavra composta se distingue do grupo sintático paralelo por alguma forma de isolamento ou distanciamento. Tal isolamento pode ser de natureza semântica, sintática, fonológica ou morfológica. Por exemplo: *Vou tomar um copo de leite* (um copo com leite) ou *Plantei vários copos-de-leite em meu jardim* (flor ® portanto, uma palavra composta com um critério semântico de constituição da unidade lexical). Já *casa de campo*, por exemplo, é apenas um grupo sintático permanente, com significado que é o resultado da adição das partes, sem isolamento

semântico.

Para Borba (2003, p.21-44), do ponto de vista da estrutura mórfica, há lexias simples e complexas. As lexias simples são formadas por uma única forma livre (*luva*, *barro*) e as complexas são as que combinam mais de uma forma livre (*porta-luvas*, *joão-de-barro*) ou uma forma livre e uma ou mais de uma forma presa (*desconsolo*, *incontrolável*). Portanto, os compostos seriam lexias complexas formadas pela justaposição de formas livres, cuja integridade fonética permite que sejam grafados com ou sem hífen, com ou sem espaço em branco (*bem-te-vi*, *casa de saúde*, *girassol*). O autor aponta ainda que há relação entre os constituintes do composto pode ser coordenativa (cada elemento é independente e o valor do conjunto consiste da soma dos valores parciais – por exemplo, *editor-chefe*, *cine-teatro*) ou subordinativa (consiste de um elemento determinado e um determinante, que mantém com o primeiro uma relação atributiva, objetiva ou adverbial – por exemplo, *unha-de-vaca*, *pára-choque*, *malcriado*, respectivamente).

Nesta breve revisão, alguns autores e gramáticas da Língua Portuguesa já nos dão sinais de como será a apresentação de tais compostos em dicionários de língua. Partamos, então, para a observação do tratamento de tais compostos nos dicionários antes mencionados.

### 3 Dicionarização de compostos em língua portuguesa

Segundo Borba (2003, p.22), para que um dicionário cumpra com seus requisitos de eficácia, praticidade e economia, interessa saber que critérios de delimitação e classificação serão adotados para estabelecer se uma lexia corresponderá a uma entrada ou a uma subentrada ou subverbe.

A classificação deveria, segundo o autor, adotar um conceito de sintagma fixo em oposição a sintagma livre, estabelecendo, assim, uma hierarquia entre eles. Desta forma, os sintagmas fixos constituiriam as entradas e os sintagmas livres, as subentradas. A princípio, parecem ter sido estes os critérios adotados pelo Houaiss (2001).

Observando-se, no entanto, a entrada *óleo*. Tem-se como subentradas *óleo de bacaba*, *óleo de banana*, *óleo de citronela*, *óleo de fígado de bacalhau*, *óleo de mamona*. Tais formas corresponderiam a sintagmas livres, sendo, por isso, grafadas sem hífen, pois o conjunto não tem um valor semântico especial, ou seja, não se necessita do conjunto para identificar o valor do sintagma, o núcleo do especificador identifica o conjunto. Então, por exemplo, *óleo de mamona* é simplesmente o óleo extraído da mamona.

Por outro lado, formas como *óleo-bálsamo*, *óleo-de-cana*, *óleo-de-copaíba*, *óleo-de-macaco* são entradas, ou seja, sintagmas fixos, pois possuem um valor

semântico/pragmático particular resultante da combinatória específica; portanto, são grafados com hífen. Desta forma, *óleo-bálsamo*, por exemplo, é um bálsamo especial também conhecido como bálsamo-de-tolu.

De acordo com Cunha (1983), emprega-se hífen em palavras compostas cujos elementos conservam sua autonomia fonética e acentuação própria, mas que perdem sua significação individual para constituir uma unidade semântica, um conceito único. Assim, por exemplo, temos: *amor-perfeito*, *água-marinha*, *beija-flor*. Deste modo, entradas como *boca-livre*, *boca-de-lobo*, *boca-de-siri* e *pão-de-chumbo* constituiriam entradas, pois são compostos hifenizados.

Entretanto, Houaiss (2001) apresenta estas quatro formas como entradas com hífen e como subentradas sem hífen, mostrando mesma significação, o que representa uma total incongruência. Isso mostra não haver planejamento quanto à macroestrutura do dicionário, pois entradas e subentradas não seguem critérios definidos quanto à constituição de sintagmas livres ou fixos.

Já em Ferreira (1999, p.XII), encontra-se referência à utilização do hífen para a ligação dos elementos das palavras compostas que mantêm a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido.

Assim, de acordo com esse dicionário, deve-se empregar o hífen nas palavras

compostas em que os elementos, com a sua acentuação própria, não conservam, considerados isoladamente, a sua significação, mas o conjunto constitui uma unidade semântica (p.ex., *água-marinha*, *arco-íris*, *couve-flor*, *pé-de-meia*, etc.).

Na terceira observação sobre esse emprego, tem-se que, quando se perde a noção do composto, quase sempre em razão de um dos elementos não ter vida própria na língua, não se escreve com hífen, mas aglutinadamente (p.ex., *abrolhos*, *bancarrota*, *fidalgo*, etc.).

Partindo, então, para a análise da microestrutura, verifica-se que Ferreira (1999) estabelece que cada composto hifenizado, ou seja, que os sintagmas fixos se constituam como entradas, sendo considerados subentradas apenas aqueles sintagmas considerados livres, nos quais não se necessita do conjunto para identificar o valor do sintagma, o núcleo do especificador identifica o conjunto.

Dessa forma, tem-se, a partir da entrada *óleo*, as subentradas *óleo de algodão*, *óleo de amendoim*, *óleo de baleia*, *óleo de canela*, *óleo de fígado de bacalhau*, *óleo de mamona*, *óleo de linhaça*, nas quais a identificação do composto se dá a partir de apenas um dos elementos, ou seja, tratam-se igualmente de “óleos extraídos de” o outro elemento do conjunto. Assim, por exemplo, o *óleo de mamona* é simplesmente o óleo extraído das sementes da mamona, *óleo de cravo* é a essência extraída do craveiro-da-índia, etc.

Em contrapartida, tem-se como entradas *óleo-de-bacaba*, *óleo-de-macaco*, *óleo-pardo*, *óleo-vermelho*, considerados como sintagmas fixos devido ao fato de a composição constituir-se agora como um todo de sentido independente, desvinculada das partes que o constituem. Dessa forma, cada uma das referidas entradas remeteria a um novo item lexical totalmente distinto da mera soma das partes. Nas entradas *óleo-de-macaco*, *óleo-pardo* e *óleo-vermelho* a definição aponta, realmente, para um novo item que está fora da composição. O mesmo não ocorre com a composição *óleo-de-bacaba*, o que se pode perceber através da sua definição “óleo extraído da bacaba-de-azeite”, ou seja, tal entrada parece constituir-se como um sintagma livre, estando também seu entendimento vinculado à definição de *óleo* e, a partir dela, estritamente vinculada ao item “bacaba”.

Considerando a entrada *boca* em Ferreira (1999), tem-se como subentradas apenas as expressões, neologismos ou fraseologias (por exemplo, *boca da noite*, *boca da serra*, *à boca miúda*, *à boca pequena*, *botar a boca no mundo*) e os sintagmas fixos, ou seja, aqueles em que o sentido não depende da soma das partes, são relacionados também como entradas. Dessa forma, tem-se *boca-aberta*, *boca-de-fumo*, *boca-de-lobo*, *boca-de-sapo* e *boca-de-siri*, por exemplo, em que cada um dos itens tem um sentido distinto da mera consideração das partes isoladas.

#### 4 O processo de composição em língua alemã

Segundo Welker (1992, p.340), “a composição é um processo extremamente freqüente e importante no alemão”.

O composto em alemão recebe o nome de *Kompositum* ou *Zusammensetzung*, ao passo que o grupo sintático permanente é chamado de *Mehrwortlexem* ou *Mehrwortbenennung* (respectivamente, “lexema de mais de uma palavra” ou “denominação de mais de uma palavra”).

Os *Komposita* (plural de *Kompositum*) são unidades constituídas de, no mínimo, uma base (*Grundwort*), também referida nas gramáticas alemãs como núcleo (*Kernwort*), e um determinante (*Bestimmungswort*). A base condiciona a marcação sintática da unidade e o plural do composto (LATOURE, 1989, p.196-201).

A base corresponde à parte final do composto; o determinante é a parte inicial, tendo, em geral, a função de atributo. A mudança na ordem dos componentes alterará o significado do composto: por exemplo, enquanto a tradução de *Muskelkontraktion* é “contração muscular”, a de *Kontraktionsmuskel* seria “músculo da contração”.

O determinante é a parte do vocábulo que tem maior tonicidade (então, *Muskelkontraktion*).

Os primeiros componentes de um *Kompositum* podem ser substantivos, adjetivos, verbos, advérbios, preposições. A parte final,

naturalmente, sempre é um substantivo ou substantivação. As relações semânticas existentes entre os integrantes de um composto são múltiplas e geralmente não explícitas, de modo que, em situação de tradução e de leitura da L1, é preciso recuperar essas relações. A recuperação é feita de várias formas: via situação comunicativa, via especificidade textual, etc. A relação entre determinante e base pode corresponder a diferentes conteúdos semânticos: tempo, lugar, razão, objetivo, seqüência, meio, maneira, matéria-prima, comparação, pertencimento, etc. (HOPPE, s.d., p.70-81).

Há *Komposita* curtos e longos. Os mais curtos são constituídos em geral de nome + nome. Seus equivalentes no português tendem a apresentar a forma nome + preposição + nome ou nome + adjetivo. Como exemplos de *Komposita* curtos e de suas traduções temos: *Aktivierungsenergie* e *Energiereserve* (grifadas as bases), traduzidos respectivamente como energia de ativação e reservas de energia.

Há *Komposita* longos como *Gruppenübertragungsreaktionen* ou *Hautfeuchtigkeitsgleichgewicht* que em português seriam reações de transferência de grupos e equilíbrio da umidade da pele. Há compostos muito longos, mas os casos integrados por dez ou mais partes parecem ser mais “mito” do que realidade da língua alemã, visto que sua freqüência de emprego em textos autênticos parece pequena.

Uma outra especificidade dos compostos substantivos é a junção entre seus integrantes por meio de um morfema de ligação, chamado “*Fugenelement*” (LÜHR, 1988, p.148-191). O “s” é o morfema de ligação mais conhecido, “*Fugen-S*”, fato relacionado originalmente a correspondência do determinante ao genitivo da base. Mas também são utilizados o “n”, o “e”, o “en” e o “er” (WELKER, 1992, p.341-349), sendo o seu uso condicionado por regras.

Este processo de formação de palavras, a composição, é, segundo Roelcke (1999, p. 71-75), o mais produtivo e, em comparação com a linguagem comum, é característico das linguagens de especialidade em alemão. Embora, em geral, represente um ponto de dificuldade de compreensão na leitura de textos para estudantes de alemão como língua estrangeira (BREDEMEIER et al., 1997, p.15). Se, por um lado, os compostos permitem uma economia lingüística, por outro, podem levar a uma desvantagem comunicativa, ou seja, à falta de clareza e à ambigüidade, exigindo uma apurada competência léxica dos interlocutores e trazendo problemas na tradução para o português.

## 5 Como estão dicionarizados os compostos em língua alemã

O DUW (2001) relaciona como entrada cada nova palavra da língua alemã; deste modo, classifica como entradas também

os compostos (*Komposita*).

Entretanto, somente são representados compostos curtos, ou seja, constituídos de duas partes, um determinante e uma base, ou, no máximo, três partes. Por exemplo, a partir da *Haut* (pele) tem-se as entradas: *Hautabschürfung* (escoriação da pele), *Hautarzt* (dermatologista), *Hautatmung* (respiração da pele), *Hautausschlag* (eczema da pele), *Hautcreme* (creme para a pele), *Hautkrankheit* (doença da pele), *Hautkrebs* (câncer de pele), etc., todos compostos constituídos a partir de *Haut* mas com apenas mais um elemento.

Os demais compostos, considerados longos, não aparecem como entradas únicas no dicionário. Desta forma, um aprendiz da língua alemã necessitará conhecer o modo de constituição de tais compostos, ou seja, a delimitação de cada uma de suas partes, para que obtenha sucesso na busca do significado.

Assim, um composto longo, como *Hautfeuchtigkeitsgleichgewicht*, constará no dicionário apenas dividido em suas partes constituinte *Haut* = pele, *Feuchtigkeit* = umidade, *Gleichgewicht* = equilíbrio. Observe-se que *Feuchtigkeit* é formado pelo adjetivo *feucht* = úmido + *ig* (= *oso*, sufixo que indica “provido ou cheio de”) + *keit* (= *dade*, sufixo que indica qualidade, propriedade) e *Gleichgewicht* é um composto formado pelo adjetivo *gleich* (= igual) e pelo substantivo *Gewicht* (= peso). Observe o



*Fügen-S* ligando *Feuchtigkeit + Gleichgewicht*.

O DUW (2001) sinaliza a divisão silábica através de barras verticais, o que ajuda a identificar as partes constituintes de cada entrada, por exemplo, Gleich|ge|wicht, a vogal tônica longa é sublinhada. Assim temos também Feuch|tig|keit. As vogais curtas são identificadas com um ponto, por exemplo, em Tisch|bein.

Na Língua Alemã, a utilização do hífen não é muito freqüente. Quando houver a possibilidade de compreensão errada de um substantivo composto – sobretudo se constituído de mais de duas partes, o hífen é utilizado para facilitar a leitura e esclarecer entre quais componentes há uma relação mais estreita, sendo denominado de composição ocasional. Por exemplo, *Musikerleben* ? *Musiker-Leben* = vida de músico e *Musik-Erleben* = vivência da música.

O hífen também é utilizado na Língua Alemã na composição de nomes de ruas e locais como praças, universidades, teatros, etc. Assim, tem-se, por exemplo, Richard-Wagner-Strabe e Max-Weber-Platz.

No Wh (1986), os *Komposita* são entradas individuais, organizadas alfabeticamente a partir do determinante do composto, sendo constituídas em geral por apenas dois elementos. A composição de três elementos, quando ocorre, está intimamente relacionada com a de dois elementos, pois sua definição faz apenas uma remissão ao composto anterior, constituído de duas partes apenas.

Assim, ao buscar no Wh (1986) a entrada *Haut*, encontraram-se, a partir dela, entradas como *Hautabschürfung*, *Hautartz*, *Hautatmung*, *Hautentzündung*, *Hautjucken*, *Hautpflege*, *Hautplastik*, etc., do mesmo modo como foi observado no DUW (2001).

O Wh (1986) sinaliza a divisão silábica com pontos entre as sílabas; desta forma, tem-se: *Haut-arzt*, *Haut-ent-zün-dung*, *Haut-pfle-ge*. A sílaba tônica é assinalada por um apóstrofe anterior, por exemplo: *'Haut-ab-schür-fung*, sinalizando como tônica a primeira sílaba da composição, o que vem ao encontro das regras de composição em Língua Alemã, que estabelecem ser a parte inicial da composição aquela que apresenta a maior tonicidade. Dessa forma, todos os compostos que têm *Haut* como determinante apresentam esse apóstrofe antecedendo a sílaba *Haut* e indicando sua maior tonicidade em relação aos outros elementos da composição.

As diferentes acepções da entrada *Haut* estão relacionadas a partir do número 1, sendo exemplificadas dentro de parênteses através da utilização de alguns compostos com *Haut*. Por exemplo, na definição de “superfície externa total do corpo, composta de três camadas que protegem o organismo de agentes externos, estando ao mesmo tempo unida a ele” tem-se entre parênteses (*Gesichts~*, *Ober~*), ou seja, *Gesichtshaut* (pele do rosto, pois *Gesicht* = rosto) e *Oberhaut* (pele superior ou epiderme, pois *ober* = sobre).

Além da marcação da divisão silábica, o Wh (1986) não utiliza nenhuma outra sinalização para identificação das partes do composto. Entretanto, partindo-se da entrada *Haut* e considerando que a maioria dos compostos formados a partir dela são constituídos apenas de dois elementos, esta depreensão não é dificultada.

Como composto de mais de dois elementos formados a partir da entrada *Haut*, encontramos no Wh (1986) apenas *Hautsäuremantel* (*Haut* = pele + *Säure* = ácido + *Mantel* = capa ? capa ácida da pele, cuja definição é “uma reação em geral ácida na epiderme, uma importante função de proteção da pele”.

Salienta-se que os compostos de mais de dois elementos em geral apresentam na definição a repetição da parte do composto definida, no Léxico do Wh (1986), como de maior coesão entre os elementos, o que facilita o entendimento global do composto, dispensando a marcação, através de alguma simbologia, das partes constituintes.

Assim, tem-se, por exemplo, *Zell-ge-webs-ent-zün-dung* definido como “inflamação progressiva e purulenta do tecido celular”, que aparece como entrada anterior *Zellgewebe*. Da mesma forma tem-se: *Herz-klap-pen-feh-ler* definido como “estreitamento da válvula cardíaca”, que aparece como entrada anterior *Herzklappe*; *Herz-mus-kel-ent-zün-dung* definido como “inflamação da musculatura cardíaca”, que

aparece como entrada anterior *Herzmuskel* e *Herz-mus-kel-in-farkt* definido como uma igualdade “= *Herzinfarkt*”, que aparece anteriormente como entrada.

A análise da estrutura do LsDaF (1993) mostrou que os critérios utilizados em um dicionário para aprendizes são bem diversos dos adotados para os outros dois dicionários. Particularmente, tal dicionário não tem a finalidade de abarcar toda a totalidade da língua, sendo, deste modo, bem mais reduzido em número de entradas (menos da metade do número de entradas de um dicionário como o DUW (2001), por exemplo).

Já no Prefácio do LsDaF (1993), encontramos “o número de composições no alemão é teoricamente ilimitado, pois a maioria dos substantivos pode, com outros substantivos ou com um outro *Kompositum* já existente, formar uma nova palavra. No âmbito deste dicionário, seria melhor, naturalmente, que todos estes compostos fossem esclarecidos, mas as significações de muitos deles podem ser depreendidas da própria compreensão da entrada principal; portanto, muitos *Komposita* transparentes estão listados neste dicionário como subentradas e sem definição específica. Isto possibilitou uma reserva de espaço para outras informações. Os *Komposita* são apresentados nas entradas com um “K” que pode se apresentar de duas formas: “-K”, quando a entrada constitui na última parte do composto, ou “K-“, quando a entrada constitui a primeira parte do composto. Por

exemplo, o LsDaF apresenta a entrada *Haut* e nela surge || K-: *Haut*-, -*arzt*, -*ausschlag*, -*creme*, -*entzündung*, -*krankheit*, -*krebs*, -*transplantation* || -K: *Geschichts*-, *Kopf*-. Cabe ressaltar que, de acordo com as diferentes acepções, existem elementos diferentes para formar o composto. Por exemplo, na entrada *Haut* acepção 2) a pele de determinado animal || -K: *Büffel*- (búfalo), *Kuh*- (vaca), *Schlangen*- (cobra); na acepção 3) um invólucro que reveste, por exemplo, uma fruta || -K: *Ei*- (ovo), *Pfirsich*- (pêssego), *Wurst*- (lingüiça), etc. Na entrada *Haut*, neste dicionário, não existem compostos com substantivos, mas aparecem composições com adjetivos, por exemplo: *hauteng* (justo), *hautfreundlich* (não prejudicial à pele) e *hautnah* (que causa sensação na pele).

Entretanto, o mesmo item no Prefácio esclarece que alguns *Komposita* não têm o seu significado total compreendido apenas a partir de suas partes. Desta forma, tais compostos terão novas entradas no dicionário. De acordo com esse critério de organização do dicionário, a partir de *Herz* (coração) têm-se vários outros compostos constituindo novas entradas, pois tratam-se de palavras cujas bases não tem o mesmo sentido se tomadas isoladamente. Assim temos: *Herzanfall* (ataque cardíaco), *Herzfehler* (malformação cardíaca), *Herzinfarkt* (infarto cardíaco), *Herzkammer* (ventrículo), *Herzklopfen* (palpitações), *Herzschlag* (ataque cardíaco), *Herzschrittmacher* (marca-passo),

*Herztropfen* (medicamento que fortalece o coração).

Dos exemplos apresentados, pode-se perceber também que no LsDaF (1993) só aparecem compostos com no máximo três componentes, sendo a maioria de apenas dois elementos. Entretanto, este dicionário adota um critério específico para compostos de mais de dois componentes, utiliza uma barra vertical para identificar a primeira parte da composição e pontos para marcar a separação silábica. Desta forma, temos: *Herz·feh·ler*, *Herz·kam·mer*, *Herz·schlag*, mas *Herz|kranz·ge·gäß* e *Herz|schritt·ma·cher*.

## 6 Considerações finais

A observação do processo de composição nos dicionários de Língua Portuguesa aponta incompatibilidade entre apresentação lexicográfica e as regras apresentadas pelas gramáticas da língua em relação ao processo de composição.

O dicionário Houaiss (2001), por exemplo, sintagmas fixos e/ou livres estão distribuídos tanto como entradas como subentradas, hifenizados ou não, mas com definições idênticas, ou seja, compostos com a mesma definição são apresentados como sintagmas fixos e sintagmas livres. Isto ocorre, por exemplo, em *óleo-de-copaíba* – entrada, portanto sintagma fixo, cuja definição remete à copaíba, e *óleo de copaíba* – subentrada,

portanto sintagma livre, cuja definição também remete à copaíba. Da mesma forma tem-se *boca-livre* – entrada, cuja significação é “lugar onde se come e bebe de graça” – e *boca livre* – subentrada da entrada *boca*, mas que apresenta a mesma asserção da forma hifenizada.

Tais observações contrapõem-se aos critérios apresentados pelas gramáticas da Língua Portuguesa, que estabelecem como sintagmas fixos aqueles que não se constituem da soma das partes, mas que constituem um novo todo de sentido, ou seja, a partir da composição de partes independentes, forma-se uma nova unidade que carrega uma nova significação.

Em Ferreira (1999), observou-se, neste sentido, uma microestrutura mais criteriosa, pois não encontramos os mesmos sintagmas, fixos e livres, como entradas e subentradas, tendo eles a mesma definição.

É possível verificar, nesse dicionário, uma maior congruência em sua macroestrutura, ou seja, o que ficou definido como sintagma fixo estará como entrada e apenas isto, e o que foi definido como sintagma livre estará como subentrada, não havendo repetição de itens como entrada e subentrada.

A análise dos dicionários da Língua Alemã apresentou uma organização criteriosa dos sintagmas fixos e livres, distribuídos respectivamente em entradas e subentradas. Dessa forma, as composições da Língua Alemã constituem-se como entradas, pois formam

sintagmas fixos que fogem à mera interpretação das partes isoladas, mas perfazem um todo de sentido.

Da mesma forma, pode-se observar, em ambos os dicionários, um enfoque mais sistemático da composição, claramente balizado por critérios uniformes. Tanto o DUW (2001) quanto o Wh (1986) apresentam a divisão silábica e a marcação da sílaba tônica, apenas com simbologias diferenciadas. A distribuição dos compostos se dá a partir da entrada do determinante em ambos. Também ambos apresentam em geral composições de apenas de dois elementos, sendo as de três elementos mais raras e estando suas definições diretamente relacionadas à composição de dois elementos que as compõem, ou seja, a definição da composição de mais de dois elementos remete sempre à composição de dois para o entendimento do todo.

Quanto ao processo de composição, no LsDaF (1993) tanto os compostos quanto as expressões idiomáticas e neologismos são distribuídos como subentradas dentro de entradas com as quais se compõem ou formam sintagmas de sentido idiomático. Os compostos que constituem sintagmas livres são apresentados como subentradas introduzidos pela indicação da composição (K) e sinalizando se a entrada constitui a base ou o determinante de tal composto através de um traço anterior ou posterior ao (K), respectivamente. Os compostos que constituem sintagmas fixos aparecem mais raramente. No

LsDaF (1993) tem-se também a marcação da divisão silábica, assim como da sílaba tônica, critérios extremamente importantes ao aprendiz de língua estrangeira.

Esses são dados importantes para o professor de língua, estrangeira ou materna, que utiliza dicionários como instrumentos de apoio ao ensino. Se os dicionários espelham imagens do léxico e da gramática de uma língua, parece que os dicionários alemães conseguem fazer isso de um modo mais coerente. Para o professor, conhecer e até discutir com seus alunos os diferentes modos de apresentação lexicográfica de determinados pontos da língua, como no caso da morfologia, pode contribuir para um aumento de conscientização sobre a importância desses materiais e da necessidade de seu aperfeiçoamento, especialmente no Brasil.

#### Bibliografia citada

- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 19.ed. Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.
- BORBA, F.S. **Organização de dicionários**. São Paulo: UNESP, 2003.
- BREDEMEIER, M.L et al. **Überflieger? Deutsche Komposita/Palavras compostas alemãs**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1997. 97p.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1989.
- CUNHA, C. **Gramática do Português Contemporâneo**. 10.ed.ver. Rio de Janeiro: Padrão, 1983.
- DEUTSCHES UNIVERSAL-WÖRTERBUCH. 4.neu bearbeitete und erweiterte Auflage. Mannheim, Leipzig, Wien, Zürich: Dudenverlag, 2001.
- DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- DUDEN Band 4. **Die Grammatik**. 6.neu bearbeitete Auflage. Mannheim, Leipzig, Wien, Zürich: Dudenverlag, 1998.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ª ed. ver. ampl. 19 impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- L A N G E N S C H E I D T S GROSSWÖRTERBUCH. Deutsch als Fremdsprache. Berlin, München, Leipzig, Wien, Zürich, New York: Langenscheidt, 1993.
- LATOURE, B. **Mittelstufen – Grammatik für DaF**. München: Hueber, 1989. p.196-201.
- LÜHR, R. **Neuhochdeutsch**. 2.ed. München: Wilhelm Fink, 1988. p.148-191.

MORENO, C. A formação dos compostos no português. In: **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.37, n.1, p.99-129, mar.2002.

PASCHOALIN, M. A.; SPADOTO, N. T. **Gramática: teoria e exercícios**. São Paulo: Editora FTD S.A., 1996.

RIO-TORTO, G. M. Mecanismos de produção lexical no português europeu. In: O estado das artes nas ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia. **Alfa**, v.42, n.esp., p.15-32, Ed.Unesp, 1998.

ROELCKE, T. **Fachsprachen**. Berlin: Erich Schmidt, 1999. (Grundlagen der Germanistik; 37)

SANDMANN, A.J. O que é um composto. **Delta**, v.6, n.1, p.1-18, 1990.

VILELA, M. **Problemas da lexicologia e lexicografia**. Porto: Civilização, 1979. p.267-279.

**WAHRIG DEUTSCHES WÖRTERBUCH**. Jubiläumsausgabe. München: Bertelsmann Lexikon Verlag, 1986.

WELKER, H.A. **Gramática Alemã**. Brasília: Edunb, 1992. p.341-349.